

# Um Estudo sobre o Artigo X

Preparado por  
um comitê do Corpo Docente do NTS

Paul M. Bassett, Alex R.G. Deasley, Roger L. Hahn, Douglas S. Hardy,  
K. Steve McCormick, Thomas A. Noble

2007

## **Introdução: O Desafio**

A celebração do centenário da Igreja do Nazareno em 2008 é um lembrete salutar de que, com o passar das gerações, comunidades e tradições cristãs enfrentam o perigo de se desviarem “das verdades que temos ouvido” (Hb 2:1). Entretanto, também há o perigo oposto: que uma tradição fique engessada e viva deformada num tempo como uma peça de antiguidade irrelevante. O que antes eram *movimentos* tornam-se *máquinas* burocráticas e terminam como *monumentos* mortos. Para evitar os perigos dos dois lados e *continuar* como uma tradição *viva*, um *movimento* de santidade fiel e não um mero *monumento* de glórias anteriores, a Igreja do Nazareno, juntamente com suas denominações irmãs de santidade, devem aprender constantemente a reexpressar a mensagem de santidade (a) em fidelidade àqueles que vieram antes de nós, mas (b) em conceitos e formas de pensamento que comunicam-se com a presente geração num ambiente cultural de constante mudança.

A Junta de Superintendentes Gerais apresentou bem esse ponto em 1988 no seu prefácio do Dr H. Ray Dunning's *Grace, Faith and Holiness* (Graça, Fé e Santidade):

É indispensável que essas expressões teológicas [de doutrina] sejam declaradas nas formas de linguagem e pensamento de cada nova geração se a vida da igreja for ser nutrida e sustentável. Ao mesmo tempo que as verdades cristãs permanecem constantes, seu modo de apresentação varia e as formas de compreendê-las devem ser atuais para serem relevantes.

É claro que não somos a primeira tentativa de reexpressar a nossa tradição em formas de pensamento contemporâneo. Temos um claro exemplo de nossa própria história naqueles líderes do movimento de santidade do século XIX que reexpressaram a ênfase metodista do século XVIII em santidade cristã para seu próprio tempo. Eles reexpressaram a doutrina em maneiras moldadas pelo pensamento filosófico e psicológico de seus dias. Isso é visto particularmente em sua forte certeza sobre sua própria experiência espiritual, uma forma de pensamento moldada pela filosofia então dominante do Realismo do Senso Comum Escocês e pelas fortes influências culturais do individualismo pragmático. E, é claro, sua reexpressão da tradição não foi monolítica: houve diferenças de ênfase, conceitos e linguagem mesmo entre as pessoas wesleyanas de santidade.

Então, nos nossos dias, nós também devemos expressar a doutrina da santidade cristã para esta geração. Várias mudanças têm acontecido na filosofia e na psicologia, e a teologia também tem visto grandes mudanças e desenvolvimentos. Elas incluem, por exemplo, a recuperação da estrutura da escatologia do Novo Testamento ou um foco muito maior na eclesiologia, na doutrina da Igreja ou no aprofundamento dos entendimentos que percorrem a Igreja sobre a importância vital do pensamento trinitário para a nossa vida juntos.

Reexpressar uma tradição não é tarefa fácil, tanto porque os perigos devem ser mantidos sempre em mente – o perigo de se desviar e o perigo de engessar. Não devemos nem perder a nossa doutrina de santidade cristã que temos herdado nem permitir que ela torne-se uma antiguidade irrelevante. E não devemos ter tão pouca confiança na verdade que proclamamos que nos leve a pensar que temos que expressá-la em uniformidade monolítica. É preciso ter uma unidade basilar, mas qualquer tradição viva e crescente desenvolve-se em diferentes perspectivas que estimulam o pensamento e aprofundam o entendimento.

O desafio de reexpressar a nossa tradição invoca a mais cuidadosa consideração teológica. Como acadêmicos na área de Bíblia e teólogos históricos, devemos fortalecer nossas raízes para que permaneçamos firmemente fundamentados nas Escrituras e para que possamos garantir uma nova linguagem de formas de pensamento que sejam fiéis ao que Wesley chamou de ‘oráculos de Deus’. Como teólogos filosóficos e estudantes de culturas contemporâneas, temos que buscar novas maneiras de comunicar a mensagem imutável. Como teólogos práticos, devemos ouvir às perguntas da geração de hoje e responder as questões que estão levantando. Como teólogos sistemáticos temos que juntar tudo isso de maneira fiel, mas criativa numa formulação de doutrina coerente, relevante e desafiadora.

Esta é uma tarefa contínua que nunca terminará até o reino vir em poder e glória. Mas vemos esse convite dos Parceiros de Pensamento da Junta de Superintendentes Gerais para examinar o texto do Artigo X dos nossos Artigos de Fé Nazarenos como uma oportunidade de reafirmar a doutrina de santificação concisamente em uma linguagem fiel e criativa que promoverá uma proclamação clara, um entendimento pragmático mais profundo e uma identificação entusiástica com a mensagem que crescemos para pregar e viver.

Somos conscientes, entretanto, que a iniciativa presente de publicação do centenário da NPH está produzindo uma biblioteca inteiramente nova de obras de estudos bíblicos e teologia, e uma revisão satisfatória do Artigo X pode ser melhorada *depois* do pensamento estimulado por essa nova geração de publicações. Mas estamos felizes em responder ao pedido dos Parceiros de Pensamento pelo menos para começar a discussão da terminologia usada no artigo presente.

## **O Conteúdo desse Trabalho**

Em resposta aos pedidos específicos feitos pelos Parceiros de Pensamento, esse trabalho busca tratar deste desafio das seguintes maneiras:

1. Em primeiro lugar, devemos analisar os problemas e inadequações que são largamente identificadas no texto atual do Artigo X.
2. Em segundo lugar, devemos olhar para as duas versões da nossa tradição, o ‘wesleyano clássico’ e a versão de ‘santidade americana’ e buscar uma síntese onde for possível para lidar com a questão sobre se existe uma unidade basilar atrás das diferenças.
3. Em terceiro lugar, devemos tratar da questão extremamente importante do posicionamento da doutrina de inteira santificação na fundação exegética mais sólida possível.
4. Em quarto lugar, tentaremos oferecer um entendimento melhor da doutrina descrita no Artigo X ao olhar para ela dentro de um contexto mais amplo de outras tradições e fontes históricas da igreja.
5. Em quinto lugar, olharemos para várias formas de formulação da doutrina nos Artigos de Fé de denominações irmãs.
6. Finalmente, apresentaremos um rascunho de uma forma de como podemos reformular nosso próprio artigo de forma mais bíblica e compreensiva.

## I. Problemas no Texto Atual do Artigo X

Uma pesquisa de opinião entre colegas de faculdades nazarenas indicou que há vários problemas teológicos, bíblicos, linguísticos e estruturais encontrados no texto atual do Artigo X, e que isso é prejudicial a nossa pregação e ao nosso testemunho sobre a inteira santificação. Os problemas de linguagem e estrutura podem ser resumidos em três pontos.

1. Por todo o artigo há palavras e frases até certo ponto antiquadas e antigas que não são bíblicas e que poderiam ser melhor expressadas: ex. “inteira devoção”, “operada”, “estado de graça”. O artigo poderia ser muito mais persuasivo e leal aos nazarenos e a cétricos se a *linguagem bíblica* fosse primária. O nível da linguagem deve buscar clareza e evitar fraseologia acadêmica arcaica, mas ela também deve refletir o fato dos Artigos de Fé serem as declarações teológicas totalmente dentro da mais ampla tradição Nicena. Ele, portanto, deve buscar primeiro precisão e exatidão bíblica e teológica, e, em segundo lugar, clareza para o leitor informado teologicamente, e, se possível, para o leitor menos informado ou cristão novo. Facilidade de entendimento para o último grupo é importante, mas não é a primeira importância e, se necessário, deve abrir espaço para os outros requisitos. Também seria um aprimoramento pegar frases no artigo que são enumeradas como sinônimos de ‘inteira santificação’ e integrá-las na lógica do artigo.
2. As últimas adições (em 1928 e 1976) de texto agora no parágrafo 14 faz da ideia de ‘crescimento na graça’ parecer ser um pensamento posterior. Elas deixam o artigo como um todo implorando por perguntas desnecessárias e um novo texto neste artigo poderia dar a declaração da doutrina uma lógica mais coesa e uma clareza maior. Ao invés de começar com inteira santificação e adicionar o último parágrafo sobre outros aspectos de santificação, uma declaração mais clara e mais persuasiva da doutrina resultaria em começar com a doutrina de *santificação como um todo* e apresentar a *inteira* santificação dentro desse contexto. Mover-se do *inicial*, para o *gradual*, para a *inteira* santificação com certeza tornaria a doutrina mais clara para o leitor e facilitaria a proclamação e o ensino da doutrina.
3. Na primeira frase do parágrafo 13, inteira santificação é definida primeiro em termos negativos (“libertados do pecado original, ou depravação”). Uma *apresentação* mais *positiva* que apresentasse a doutrina primeiro como uma “inteira devoção a Deus”, etc., certamente seria preferível, embora essa palavra um tanto exótica (“devoção”) poderia ser substituída por uma linguagem mais bíblica.

Os próximos quatro pontos são mais de conteúdo teológico:

4. Primeiro, não é sempre claro no texto atual do artigo como a doutrina de santificação está relacionada a outras doutrinas dentro de uma teologia coesa. Há alguma

referência a doutrinas de Pecado Original, ao Espírito Santo e à Expição, mas ajudaria fazer uma apresentação mais persuasiva dessa doutrina se pudesse ser demonstrada como sendo integral a teologia cristã como um todo, particularmente doutrinas como cristologia, justificação, escatologia, Santíssima Trindade e eclesiologia. Sem aumentar, o artigo poderia ser mais rico e “substancial” em suas ressonâncias aos muitos aspectos da doutrina e, portanto, muito mais persuasivo.

5. Na segunda frase do parágrafo 13, a questão do “batismo com o Espírito Santo” surge. Pouco ou nenhum apoio pode agora ser encontrado entre teólogos e especialistas bíblicos nazarenos para a visão “Oberlin” de Charles Finney e Asa Mahan (adotada pela tradição wesleyana de santidade por Phoebe Palmer e depois Daniel Steele) que o “batismo do Espírito” Pentecostal em Atos 2 pode ser considerado o equivalente *exato* da inteira santificação *do indivíduo*. A questão é identificada por Mark Quastrom como crucial para a divisão entre a doutrina “wesleyana clássica” e a doutrina “americana de santidade”. Seja qual for a visão da denominação como um todo, os nossos acadêmicos não veem mais a hermenêutica da santidade americana do “batismo do Espírito” como exegeticamente sustentável. No mínimo, ela é problemática. Ainda assim, o batismo do Espírito no histórico Dia de Pentecostes ainda é essencial para a doutrina pelo fato de “a chegada do Consolador” possibilitar a inteira santificação hoje. Além disso, a mesma frase afirma que o batismo com o Espírito Santo traz a “presença residente do Espírito Santo” e, então, parece implicar que o Espírito Santo não habita em todos os que regenera. Alguma emenda no artigo torna-se, portanto, necessária para que a nossa tradição esteja sob a autoridade das Escrituras. Entretanto, deve ser enfatizado que abandonar a problemática interpretação de Atos 2 *não significa abandonar a doutrina wesleyana de inteira santificação* já que a doutrina é estabelecida sobre uma exegese bíblica muito mais segura por toda a Escritura.
6. Historicamente, a tradição de santidade tem comumente tratado Atos 2 como uma garantia bíblica fundamental para sua proclamação da “segunda obra” ou na “instantaneidade” da inteira santificação. João Wesley, por outro lado, cria que a inteira santificação era instantânea, mas baseava essa crença na razão (deve haver um momento quando morremos para o pecado mesmo se o momento dessa morte não for observado, ref. *Explicação Clara da Perfeição Cristã*, 26), e na experiência (que é, suas entrevistas com centenas de testemunhas). Ele acreditava que conversão instantânea poderia ser estabelecida biblicamente, mas ele não acreditava que as Escrituras diziam ou ofereciam conteúdo teologicamente ou espiritualmente consistente para a instantaneidade da inteira santificação. Ele também usou a palavra “segunda”, como em “segunda bênção”, *mas em instâncias extremamente raras* – somente em meia dúzia de vezes em todas as suas obras publicadas em mais de sessenta anos. Para ele, isso era parte da doutrina, mas não o coração da questão. Mas para o movimento de santidade do século XIX, a “instantaneidade” e a “segunda obra” – o “como” e “quando” da doutrina, sua “circunstância” – tornaram-se depois teologicamente e experientialmente centrais. Finney e Mahan pensaram que eles

poderiam oferecer a prova bíblica que faltava para a “instantaneidade” e a “segunda obra” através de sua interpretação de Atos 2. Daniel Steele pensou que ele poderia fornecer prova exegética para um segundo ‘instante’ no tempo aorista, mas estudiosos bíblicos hoje consideram que isso é exegeticamente problemático.

O atual e aprofundado impasse entre aqueles que insistem em Atos 2 como um paradigma para a inteira santificação e aqueles que insistem que exegeticamente não pode ser, e entre aqueles que apoiam sua premissa na instantaneidade (e, portanto, na “segunda obra”) no grego *koiné* aorista e aqueles que dizem, na melhor das hipóteses, que é uma fragilidade, têm contribuído para o emudecimento da proclamação e instrução na doutrina de inteira santificação por medo de ofender. Tal situação compromete severamente todos nós bem no ponto da vocação da nossa denominação, pois, finalmente, somos “chamados à santidade”.

Pode haver alguma perplexidade sobre a razão do “subsequente” (como no texto atual do Artigo X) é preferível ao invés da “segunda obra” e, de fato, os dois conceitos são bem próximos. Brevemente, o conceito de “subsequente” (que a inteira santificação vem depois do novo nascimento) é passível de mais defesa exegética como uma implicação das Escrituras. O uso das palavras “segunda obra” é para chamar à atenção para o aspecto exegético mais fraco da doutrina, ao invés do “amor perfeito” ou “pureza de coração” que são exegeticamente mais fortes.

7. A relação do Artigo X com a doutrina do pecado original também precisa ser esclarecida. Temos que afirmar com Wesley que a doutrina do pecado original é uma implicação do evangelho da graça e também que a inteira santificação é “morrer para o pecado” onde a nossa “mente carnal” (ou melhor, de acordo com outra versão, “a mentalidade da carne”) é tratada. Mas o uso do termo agostiniano “pecado original” (uma frase que Wesley mesmo nunca usou nesse contexto específico) é para nos deixar aberto para a interpretação de que cremos que a inteira santificação traz a perfeição “adâmica” ou “sem pecado”. Uma declaração mais moderada da doutrina é necessária neste momento para esclarecer que o inteiramente santificado, ao mesmo tempo que é preenchido pelo Espírito Santo e, portanto, liberto da “mentalidade da carne”, permanece sendo uma criatura falível num mundo decaído enquanto estiver nesse “presente mundo mau”.

## II. Duas Versões da Nossa Tradição

O nosso exame do texto do Artigo X acontece diante de um pano de fundo de uma bifurcação percebida da tradição teológica, documentada por Mark Quanstrom em seu livro recente: *A Century of Holiness Theology: The Doctrine of Entire Sanctification in the Church of the Nazarene, 1905-2004* (Beacon Hill, 2004) [não publicado em português]. Já fizemos referência a essas duas versões, mas passamos agora para uma investigação mais profunda dessas duas posições e sua unidade basilar, notando que este

é um exercício *diferente* da articulação da doutrina wesleyana de santidade cristã de seus primeiros princípios. A última é uma tarefa teológica real, mas a tarefa de entender as duas posições: “wesleyana clássica” e “santidade americana”, e investigar se elas são compatíveis nos foi apresentada como o que poderia ser chamado de uma tarefa eclesiasticamente necessária que também precisa ser feita.

Apesar da impressão de que essas duas versões de nossa tradição são incompatíveis, uma análise sugere que há cinco importantes pontos de concordância. Ao examinarmos cada um deles, podemos também investigar as diferenças entre as duas versões e perguntar se essas diferenças têm alguma significância *teológica*.

Temos convicção de que, mesmo com as reais diferenças entre as duas versões de nossa tradição, as diferenças têm sido exageradas. Nós sugerimos que:

- Há muito mais que une essas duas versões da tradição do que as separa.
- A diferença entre elas é mais uma diferença de linguagem do que de substância
- Há uma diferença de ênfase maior do que uma contradição real

Essa pode ser uma perspectiva um tanto diferente da apresentada por Mark Quanstrom, mas Quanstrom chega perto. Se olharmos de trás e pegarmos uma perspectiva maior de todo o espectro da teologia cristã, então teremos que dizer que essas duas estão tão juntas que nem dá para colocar um cartão fino entre elas! Há muito mais que as une do que as divide.

Se pegarmos o consenso dos líderes de santidade do século XIX na tradição wesleyana, então podemos dizer que tanto Wesley quanto os líderes de santidade do século XIX criam na Perfeição Cristã não como algo isento de falhas, mas como “amor perfeito”. Ambos concordam que essa perfeição é alcançada através da inteira santificação. Não há discórdia quanto a isso. Tanto Wesley quanto os líderes do século XIX acreditam que a inteira santificação acontece em um instante. Ambos acreditam que é trabalho do Espírito Santo e escrevem sobre ela como sendo “cheios do Espírito”. Tanto Wesley quanto os líderes do século XIX acreditam que a inteira santificação inclui a “morte ao pecado”, entendido como morte para um aspecto do pecado original. Ambos acreditam que a inteira santificação segue e é seguida de um crescimento gradual em santificação que começa na regeneração. Então, há cinco pontos de concordância substancial para investigarmos mais profundamente.

### (1) Perfeição Cristã entendida como Amor Perfeito

Que Wesley entendeu Perfeição Cristã como Amor Perfeito quase não precisa ser documentado aqui. Ele herdou a linguagem de ‘perfeição’ do Antigo e do Novo Testamento, da grande tradição da Igreja católica, dos Pais do oriente e do ocidente e dos teólogos medievais (com um pouco de argumentação da parte dos reformadores



magistrais que estavam reagindo contra a distorção da “perfeição” na última parte do período medieval). A definição característica de Wesley sobre santidade cristã e Perfeição Cristã é “amar a Deus com todo o seu coração, alma, força e entendimento”.

Mas também é claro que os pensadores formadores do movimento de santidade americano aceitam essa linguagem também. Mahan, por exemplo, endossa esse foco na Grande Comissão na primeira página do *Perfeição Cristã*. Embora em algumas tradições que derivam de Finney, pureza está subordinada a poder, figuras chave do movimento de santidade wesleyano, como J.A. Wood e George Peck, colocam ênfase no amor perfeito.

(2) ‘Amor Perfeito’ resulta de ‘inteira santificação’ que ocorre em um instante e é subsequente a regeneração

Embora alguns wesleyanos possam desmerecer a ‘instantaneidade’, essa é a posição clara de Wesley. A forma como colocamos esse ponto aqui esclarece a sutil diferença entre perfeição cristã e inteira santificação (sobre isso, veja mais o tratamento do Dr. Bassett no livro em inglês *Exploring Christian Holiness*, Vol. 2, páginas 19 e 20). Os dois são interdependentes. Santificação é “tornar santo” (*sanctum facere*), e o resultado de ser inteiramente santo na “inteira santificação” é amar a Deus com todo o coração, alma, força e entendimento (“amor perfeito”). Mas, da mesma forma, é o amar a Deus com todo o coração, alma, força e entendimento que afeta a inteira santificação. Para Wesley, isso ocorreu em um instante, entretanto, importante perceber que ele considerou isso como corolário, uma consequência necessária, não a essência ou o foco da doutrina. Ele aceitou a inteira santificação num primeiro instante de acordo com a experiência, já que ele viu que esse era o caso entre o seu rebanho. Em segundo lugar, ele aceitou baseado na razão, como uma inferência coerente. A lógica é simples: que se um dia a pessoa não amava a Deus com todo o seu coração, alma, força e entendimento, mas agora ama, deve ter tido um momento quando isso aconteceu pela primeira vez. Entretanto, Wesley não acreditava que ele poderia estabelecer a instantaneidade da inteira santificação das Escrituras. (Ele havia sido convencido por Peter Böhler que a conversão era instantânea no Novo Testamento).

Então, há um segundo ponto formal de acordo entre Wesley e o movimento de santidade americano, que a inteira santificação acontece em um instante e que ela é subsequente ao novo nascimento. Entretanto, aqui está a diferença de ênfase: que com o movimento de santidade americano este ponto torna-se central e não periférico. Formalmente, o movimento de santidade americano tornou a inferência lógica de Wesley uma sequência temporal necessária. Isso envolve vários pontos. Primeiro, a inteira santificação (o “como”) torna-se central ao invés de uma consequência do amor perfeito (o “que”). Em segundo lugar, o uso da terminologia de “santificação” mais do que a terminologia de “amor” coloca o foco no *que* nós somos santificados (purificação do pecado) ao invés de colocar na vida que nós *iniciamos* (a vida de perfeito amor). Mas, em terceiro lugar, o foco no “meio” ao invés do “fim” é acompanhado por uma ênfase muito mais forte na

natureza instantâneo do evento. Wesley acreditava que a inteira santificação ocorria em um instante, mas ele não estava preparado para insistir que todos tinham que aceitar isso, pois ele não pensava que esse ponto poderia ser estabelecido pelas Escrituras. Ele permitia diferença de opinião. No movimento americano de santidade a “instantaneidade” tornou-se uma parte essencial da doutrina. Uma nova terminologia foi patenteada, a “experiência de crise”, uma frase que Wesley nunca usou. Usando a palavra “experiência” como um substantivo (que não era característica do uso de Wesley) colocava a atenção no evento e levava o perigo de encorajar os seguidores a buscarem a “experiência” (por exemplo, o evento psicológico ou espiritual) ao invés de buscar a Deus. (Veja em inglês Al Truesdale, “Reification of the Experience of Entire Sanctification in the American Holiness Movement,” *Wesleyan Theological Journal* 31:2, 95-119.) E outra frase, que Wesley usou, mas em instâncias extremamente raras, a “segunda obra” ou bênção, tornou-se uma terminologia central ou definidora para muitos. O uso do adjetivo “segunda” acentuou a comparação da inteira santificação com a conversão ou o novo nascimento como a “segunda experiência de crise” ou uma “segunda obra da graça definida”. Ao mesmo tempo, a defesa de Phoebe Palmer sobre o “caminho mais curto” levou o perigo de profissão pré-matura levando ou à hipocrisia ou à desilusão. (Veja Wes Tracy’s foreword to H. Ray Dunning, *A Layman’s Guide to Sanctification*, Beacon Hill, 1991.)

O foco e a ênfase toda da doutrina de Wesley tinha, portanto, mudado da santidade entendida como amor para santificação entendida como purificação, do “que” para o “como” e “quando”. Se perguntarmos por que essas mudanças aconteceram, historicamente a resposta provavelmente encontra-se na cultura da igreja americana, especialmente a tradição puritana e calvinista da Nova Inglaterra. Nessa tradição teológica era vitalmente importante que a próxima geração deveria ter experiências de conversão definidas, claras e datáveis. Aquele que tinha uma experiência de conversão datável era salvo do tempo e da eternidade: “uma vez salvo, sempre salvo”. Com Finney, o convite aberto para o altar de lamento foi, portanto, o meio apontado para garantir que essa experiência de crise ocorresse claramente e “definitivamente”, e que a pessoa estava registrada entre os eleitos. Essa “experiência de crise” era vital. Vindo desse pedaço originado pelo revivalismo americano, Finney e Mahan levaram essa prática para a “segunda obra da graça”. Sua herança do Calvinismo, portanto, encorajou e moldou a visão, mesmo que não tenha sido explicitamente verbalizada e defendida, de que a “crise” era vital: “era necessário haver uma “segunda obra da graça definida”. A verdadeira “crise” e sua “segunda obra” tornou-se muito mais essencial para a doutrina do que havia sido para Wesley, e foi ligada liturgicamente à nova instituição americana do convite ao altar. A prática moldou a doutrina: crentes foram incentivados a receberem a “benção” *agora*. Deve ser dito que havia valor espiritual em encorajar os crentes a serem “definidos” sobre sua experiência e para saberem onde eles se encontravam diante de Deus.

Entretanto, apesar das diferenças em ênfase, existe um acordo formal entre as duas tradições nesse segundo ponto. Wesley e os líderes formadores do movimento de

santidade americano concordavam que o perfeito amor começava com a inteira santificação que ocorria num instante e amadurecia a partir daí. E há um acordo claro também entre as duas versões da tradição de que a inteira santificação acontece *subsequente* ao novo nascimento e ao crescimento em graça. Entretanto, a nossa exatidão ocidental moderna sobre conceitos como “instante” e “crise” que são “definidos” teriam intrigado as pessoas da Inglaterra do século XVIII e da América do século XIX, e esse pensamento exato é estranho para a maioria das culturas hoje.

### (3) Esse é o Trabalho do Espírito Santo e pode ser igualado com ser ‘cheio do Espírito’

O Espírito Santo é agente de santificação em toda tradição cristã. O próprio nome faz a conexão com “santidade”, pois já que Ele é o Espírito de amor, o Espírito de luz, o Espírito que inspira, o Espírito doador de vida, Ele é preeminente o Espírito “Santo”. Entendendo que podemos ser santificados (pois somente Deus é santo), o que mais poderíamos esperar a não ser que o *Spiritus Sanctus* seja aquele que “santifica”? Pois para Wesley também, no momento em que a “relativa” mudança de justificação acontece, também acontece a “real” mudança de regeneração – tendo nascido do Espírito – que ele vê como o início da santificação. No momento em que essa justificação acontece, ele escreve, a santificação “começa”. Ele também refere-se ocasionalmente a inteira santificação mais recente como o “enchimento pelo Espírito”. Entretanto, ele não aceitou o uso de seu colega John Fletcher que isso poderia ser chamado de “batismo com o Espírito”, porque “batismo com o Espírito” deixava subentendido o recebimento inicial do Espírito e isso claramente acontecia no novo nascimento.

Então, aqui mais uma vez, temos a diferença de ênfase dentro de um ponto de concordância. Mas é mais do que uma diferença de ênfase? Existe um ponto real de *desacordo* aqui – um ponto claro de contradição? Há um ponto substancial de diferença ao dizer que a inteira santificação do cristão individual é também seu batismo pelo/com o Espírito Santo? Que diferença isso realmente faz?

Isso realmente depende do que a diferença de uso é levada a supor e por que ela foi introduzida. Para John Fletcher, chamar a inteira santificação de “batismo pelo/com o Espírito Santo” estava relacionado com seu ensino sobre dispensação. Para Finney e Mahan era parte do despertamento geral de interesse no Espírito que começou nos anos de 1820 e 1830. Eles igualavam o “batismo do Espírito” com o que Wesley chamou de “perfeição cristã”, mas para eles (diferente de Wesley) essa equação era a principal prova (ou assim eles pensavam) da “segunda obra” da segunda bênção. Se Wesley não pensava que a instantaneidade da “segunda bênção” poderia ser provada pelas Escrituras, eles pensavam que poderia. “Vocês receberam o Espírito Santo *quando* creram?” (Atos 19:2, NVT) era um dos textos que Mahan usava como prova. Eles estabeleceram o modelo dos apóstolos (considerados como *indivíduos*) que têm que ter sido regenerados antes do Pentecostes e que, portanto, foram batizados com o Espírito Santo em Pentecostes como uma segunda obra da graça, que também tem que ter sido sua inteira santificação. Essa

nova hermenêutica foi aceita por Phoebe Palmer e depois pelo especialista bíblico metodista, Daniel Steele, embora com algumas qualificações na interpretação de Atos.

Uma das razões para essa nova equação então foi que ela é usada para dar base exegética bíblica que faltava a Wesley para a instantaneidade do que agora era descrito como a “segunda experiência de crise”. E se era baseada exegeticamente, ela poderia ser considerada como essencial para a doutrina e não (como Wesley a via) uma extensão lógica e de experiência. O revivalista, então, tinha uma base para chamar as pessoas ao altar não somente para elas se apresentarem ali como sacrifícios, mas para esperarem o “batismo com o Espírito Santo e com fogo”.

Esse entendimento do “batismo com o Espírito Santo” às vezes supunha que era o recebimento *inicial* do Espírito. Depois, o povo wesleyano de santidade insistiu que não era, mas o problema com a linguagem de “batismo” foi que deixava isso subentendido. Se ela simplesmente sugerisse um mergulhar ou um derramar do Espírito Santo para que o cristão fosse cheio do Espírito, talvez essa ideia não teria sido elaborada. Mas o conceito do batismo está muito ligado com a *iniciação* e foi muito usado para explicar o recebimento *inicial* do Espírito. A primeira bênção foi popularmente ligada com Cristo e à cruz e trazia justificação, perdão dos *atos* de pecado: a segunda bênção foi ligada com o Espírito Santo e o Pentecostes e trazia para a santificação, purificação do pecado *congênito*. Era uma fórmula simples, facilmente comunicada no nível popular, mas com uma grande simplificação severa e desviante da doutrina wesleyana.

Essa diferença era na essência da doutrina de Wesley? Interpretada da maneira que acabamos de notar, claramente era. Havia uma tendência de ignorar e até de negar o recebimento inicial do Espírito Santo e uma santificação inicial na regeneração. A tentação era de desvalorizar a regeneração e fazê-la um mero perdão de atos de pecado (que seria, unicamente a justificação). E, com isso, tinha a tendência de negar o que Wesley chamou de “trabalho gradual” de santificação. O foco estava todo nas grandes crises (particularmente na segunda) através do drama reavivalista do chamado ao altar. Daniel Steele adicionou uma segunda base exegética para uma segunda crise quando ele desenvolveu a prova do tempo aorista eventualmente apresentado pelo Dr. Olive Winchester no trabalho em inglês *Crisis Experiences in the Greek New Testament*.

Se a versão americana de santidade de nossa tradição apega-se a esses aspectos do desenvolvimento do século XIX, então alguém tem que dizer que há uma incompatibilidade fundamental com os Wesleys e, de fato, com as teologias da maioria das igrejas cristãs fora do pentecostalismo tradicional. Não somente isso, mas a versão americana de santidade está com um problema exegético profundo, pois a exegese contemporânea geralmente não consegue sustentar os argumentos exegéticos do fim do século XIX em relação as crises religiosas. Nem a interpretação do batismo pentecostal do Espírito nem o uso da prova do texto aorista tem qualquer sustentação significativa entre especialistas bíblicos wesleyanos. E esses dois argumentos para a “segunda obra” não eram parte da doutrina de Wesley. De fato, ele explicitamente repudiou o primeiro.

Ele *permitia* seus seguidores usarem a linguagem pentecostal, mas ele insistia que não era estritamente correto chamar a inteira santificação do indivíduo seu “batismo pelo Espírito Santo”.

Mas há um ponto de acordo. A santificação como um todo, da regeneração (santificação inicial) até e incluindo a inteira santificação e além dela, é o trabalho do Espírito Santo na medida em que ele é Aquele que nos une a Cristo. E embora Wesley tenha rejeitado a terminologia de “batismo”, ele aceitou a inteira santificação ser chamada de “enchimento do Espírito”.

#### (4) Isso Sugere e Inclui uma Morte para a “Mente da Carne”

Wesley bem claramente ensinou que a inteira santificação trazia uma “morte ao pecado”, que ele queria dizer (como afirmou) “pecado nato”, embora nunca nesse contexto ele tenha usado o termo “pecado original”. Richard Watson provavelmente foi o primeiro teólogo metodista a usar a frase “pecado original” aqui. Talvez Wesley estivesse consciente de que o pecado original fosse um conceito muito mais amplo e multifacetado. Ele especificou o aspecto do pecado original que ele tinha em mente quando ele escreveu que ser feito em “perfeito amor” envolve a morte para o *phronema tes sarkos* (Rm 8:7). Esse é um dos lugares que ele realmente cita usa o grego em seu sermão publicado. Para ele, então, amar a Deus com todo o coração, alma, força e entendimento significa a “morte” do *phronema sarkos*, a “mente carnal”, ou a “inclinação da carne”, como nos ajuda outras traduções. Wesley mesmo era claro que isso não era o final do pecado original em todos os seus aspectos, pois não significava um retorno à perfeição adâmica. Nos seus últimos sermões ele é particularmente claro que ainda “temos esse tesouro em vasos de barro”, que seriam nossos corpos decaídos, e por querer órgãos corporais perfeitos (particularmente nossos “cérebros deformados”) até o mais santo é culpado de pensar e fazer o que é errado. William Burt Pope da faculdade Didsbury esclareceu mais tarde que seu *Compendium of Christian Theology* (Vol. 3, página 47) que a doutrina wesleyana não sugeria o fim do pecado original em todos os seus aspectos, e que o pecado original como “pertencente à raça [decaída]” (que é em sua dimensão corporativa) continua “até o momento que é dito: ‘Veja, eis que faço tudo novo’”.

Essas sutilezas ficaram perdidas na pregação popular do movimento americano de santidade? A nossa declaração bem direta no Artigo X de que “pelo qual os crentes são libertados do pecado original, ou depravação” certamente tende a comunicar a não-wesleyanos que cremos em uma “perfeição sem pecado”.

Mas embora muita explicação seja necessária sobre a doutrina do pecado original, há acordo substancial e fundamental aqui entre as duas versões de nossa tradição. Há bastante esclarecimento a ser feito! A acusação do Dr. Richard Taylor de que a Dra. Wynkoop é culpada de heresia aqui não pode ser sustentada, mas precisamos de alguma clareza de pensamento sobre como a dimensão espiritual/psicológica do pecado original está relacionada com a ontológica.

(5) A inteira santificação ocorre depois de um crescimento gradual em santificação que começa com o novo nascimento e continua por toda a vida

Admitidamente, houve uma tendência em algumas partes do movimento de santidade americano de negar o ‘crescimento gradual’. A tendência era igualar a “santificação” inteiramente com a “inteira santificação” e reduzir tudo a uma “crise”. Entretanto, a aceitação dessa “crise” e a terminologia de “processo” (mesmo sendo esses termos não-wesleyanos!) deixam claro um ponto fundamental de acordo entre as duas versões da tradição. Infelizmente, o uso popular nazareno é falar de “santificação” quando queremos dizer “inteira santificação” e, portanto, falar erroneamente de ser “salvo e santificado”. A fraseologia encoraja uma abordagem extrema simplificação de dois passos. Teologicamente, a distinção foi melhor feita na tradição da fraseologia de “santificação” e “inteira santificação”, ou “salvação” e “salvação plena”. Desta forma, é reconhecido que negar o “trabalho gradual” (como Wesley o chamava) não é justo com a tradição wesleyana nem com as Escrituras.

De forma similar, a negação da instantaneidade da inteira santificação ou sua subsequência ao novo nascimento não faz jus à tradição wesleyana. Isso não significa que a pessoa tenha que insistir em um ponto alto dramático ou uma profunda “crise” psicológica. De fato, em alguns casos (Wesley admitia) o momento da inteira santificação pode não ser observável ou não ter sido conscientemente notado nem pela pessoa sendo santificada. Sua atenção pode ter estado tão fixada em Deus que não houve nenhuma auto-observação de mudança interior! Pode, portanto, *parecer* ser o caso de que não houve um ponto de inteira santificação. Mas, embora não observado externamente ou nem conscientemente notado internamente, deve haver um momento quando o crente tem esse primeiro amor a Deus com todo o seu coração, alma, forma e entendimento e a “inclinação para a carne” é extinguida.

Um uso cuidadoso da terminologia é necessário para esclarecer que a santificação começa com o novo nascimento e que o “trabalho gradual” é conseguido por “obediência zelosa a todos os mandamentos” até que o cristão chegue ao ponto da inteira santificação. Para negar tanto o trabalho gradual de santificação ou negar o momento de “inteira” santificação é uma contradição da tradição. Não é uma questão de “esse ou/ou aquele”, mas de “tanto/quanto”. De fato, eles são mutualmente necessários: não há inteira santificação que não tenha sido precedida de um “trabalho gradual” e, por outro lado, o trabalho gradual de santificação define a não ser que o cristão esteja convencido de que Deus é capaz e está esperando para purificar seu coração. Uma vez que isso é reconhecido, fica claro que há um acordo profundo entre as duas versões da tradição apesar da diferença em ênfase.

Concluimos, portanto, que embora haja diferenças de ênfase, e embora haja diferença sobre a interpretação de Pentecostes e a linguagem de “batismo com o Espírito Santo”, sob tudo isso há uma unidade basilar que surge desses cinco pontos substanciais.

### III. A Forte Base Bíblica para a Doutrina

A importância de uma fundação exegética e hermenêutica forte da nossa doutrina já foi notada nesse trabalho. Enquanto certos detalhes da forma como a doutrina tem sido apresentada por toda a nossa história podem não encontrar uma forte sustentação bíblica, não há dúvida em relação as afirmações centrais que fazemos referência a santidade em geral e a inteira santificação em particular. A chamada à santidade é claramente ressoada pelo Antigo e Novo Testamento, através de uma variedade de formas e com uma variedade de termos. A santidade bíblica exigida das pessoas é entendida em termos de um Deus de santidade. A santidade ensinada nas Escrituras tem muitas camadas e revela uma dinâmica crescente no relacionamento de Deus e seu povo.

#### (1) A Forte Ênfase Bíblica em Santidade

A chamada à santidade não surge de textos isolados da Bíblia. Ao invés disso, ela reflete um grande tema encontrado virtualmente em todas as porções do cânon bíblico e entrelaçadas com as premissas bíblicas do início ao fim. Essa visão de santidade é demonstrada nos textos narrativos de Gênesis até Atos. Em contraste com o fato de que “a perversidade dos seres humanos era grande”, e “todos os seus pensamentos e seus propósitos eram sempre inteiramente maus” (Gn. 6:5), “Noé era um homem justo, a única pessoa íntegra naquele tempo” (Gn. 6:9). Jó também foi descrito com termos de “íntegro” e “correto” (*tam* em hebraico) e apesar de todas as suas “imperfeições”, Davi foi visto como um homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13:14). O Senhor, falando de Salomão, descreveu Davi como alguém que tinha andado antes dele com “integridade de coração e retidão”. A frase hebraica traduzida como “integridade de coração” é *betam-lebab* – literalmente com um “coração perfeito” (1 Rs 9:4).

Os testemunhos da narrativa de santidade continuam no Novo Testamento. José, Zacarias e Isabel, e o velho Simeão, todos são apresentados como pessoas santas. O *climax* das imagens da narrativa de santidade vem do livro de Atos. Vários dos grandes temas de Atos são resumidos na defesa de Pedro de evangelizar os gentios, quando ele declarou: “Deus conhece o coração humano e confirmou que aceita os gentios ao lhes dar o Espírito Santo, como o deu a nós. Não fez distinção alguma entre nós e eles, pois purificou o coração deles por meio da fé” (At. 15:8-9).

Além da narrativa das representações das pessoas santas, a Bíblia é cheia de comandos para a santidade de Gênesis a Apocalipse. Ao velho Abrão, Deus disse: “Eu sou o Deus Todo-poderoso. Seja fiel a mim e tenha uma vida íntegra” (Gn. 17:1). Ao povo de Israel, Deus ordenou: “Sejam santos, pois eu, o Senhor, seu Deus, sou santo” (Lv 19:2). Os mandamentos para a santidade são tão frequentes na última parte de Levítico que são comumente chamados de “Código de Santidade” por estudiosos e tradições teológicas.

Jesus instruiu seus ouvintes no Sermão da Montanha: “Portanto, sejam perfeitos, como é perfeito é seu Pai celestial” (Mt 5:48). Paulo mandou seus líderes romanos: “Da mesma forma, considerem-se mortos para o poder do pecado e vivos para o poder de Deus em Cristo Jesus”. (Rm 6:11). Dois versos mais tarde ele continua: “Não deixem que nenhuma parte de seu corpo se torne instrumento do mal para servir ao pecado, mas em vez disso entreguem-se inteiramente a Deus, pois vocês estavam mortos e agora têm nova vida. Portanto, ofereçam seu corpo como instrumento para fazer o que é certo para a glória de Deus” (Rm 6:13). Pedro comanda aos seus leitores: “Agora, porém, sejam santos em tudo o que fizerem, como é santo aquele que os chamou”. (1 Pe 1:15) e então valida o seu chamado ao citar o mandamento do Antigo Testamento encontrado em Levítico: “Sejam santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1:16). Apocalipse conclui com o mandamento de João para ser santo: “que o santo continue a ser santo”. (Ap 22:11).

Essa amplitude da visão bíblica de santidade é combinada com a diversidade da terminologia usada para descrevê-la. Além das palavras diretas como “santo” e “santifique” há uma rica tapeçaria de metáforas que demonstram aspectos de santidade para a qual Deus chama seu povo. A linguagem de perfeição é usada nos dois testamentos para descrever a vida santa. A perfeição no Antigo Testamento (*tam* ou *tamim*) engloba tanto elementos morais quanto de culto e geralmente é traduzida como “sem culpa” embora possa ser entendida como integridade (como visto acima). A perfeição no Novo Testamento (geralmente *teleios* ou um de seus cognatos) denota um preenchimento completo dos propósitos de Deus quando alguém é ou faz tudo o que deve ser e fazer. Embora a palavra “perfeito” seja mantida na maioria das traduções quando se refere a Deus, a maioria das versões modernas tem abandonado a tradução “perfeito” para *teleios* quando a palavra refere-se a pessoas. A palavra mais comum usada agora em tais contextos é a palavra “maduro”. Mesmo tendo vantagens com essa tradução, ela desconecta a expectativa de Deus de santidade (perfeição) e deixa a nossa tradição wesleyana de ênfase em perfeição cristã mais distante das Bíblias que a maioria das pessoas leem.

A linguagem de purificação ou limpeza também é usada tanto no Antigo quanto no Novo Testamento para descrever o coração e a vida de um povo santo. O ritual de purificação exigido para entrar na presença de Deus na adoração sacrificial do Antigo Testamento está por trás da metáfora, mas é claramente estendido ao aspecto moral também. À questão sobre quem pode subir ao monte do Senhor (o monte do templo) e quem pode permanecer em seu santo lugar, o salmista responde: “Somente os que têm as mãos puras e o coração limpo, que não se entregam aos ídolos e não juram em falso” (Sl 24:3-4). Ezequiel registra a promessa de Deus ao seu povo: Então aspergirei sobre vocês água pura, e ficarão limpos. Eu os purificarei de sua impureza e sua adoração a ídolos. Eu lhes darei um novo coração e colocarei em vocês um novo espírito. Removerei seu coração de pedra e lhes darei coração de carne. Porei dentro de vocês meu Espírito, para que sigam meus decretos e tenham o cuidado de obedecer a meus estatutos” (Ez 36:25-27). Claramente, mesmo no conceito do Antigo Testamento de pureza ou limpeza houve uma



passagem do que era simplesmente cultural para a transformação da vida e do coração humano.

O conceito de pureza também é usado grandemente no Novo Testamento. No início do Sermão do Monte, Jesus fala da bênção dos “puros de coração” com a promessa de que eles “verão a Deus” (Mt 5:8). Esse entendimento “moral” de pureza é claro no ensinamento de Jesus em Mt 15:19-20: “Pois do coração vêm maus pensamentos, homicídio, adultério, imoralidade sexual, roubo, mentiras, calúnias. São essas coisas que os contaminam. Comer sem lavar as mãos não os contaminará”. João promete que “se vivemos na luz, como Deus está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1 Jo 1:7). Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento usam a metáfora gráfica de “circuncisão do coração” para descrever ao trabalho purificador de Deus que se move além do externo para o âmago da vontade humana. Deuteronômio 10:16; 30:6; e Romanos 2:29 deixam claro que a circuncisão de coração, um coração limpo é a expectativa de Deus para o seu povo.

Há muitas outras expressões usadas na Bíblia para apontar ao desejo divino de santidade humana. No Novo Testamento, a imitação de Deus (Ef 5:1), ser como o mestre (Mt 10:25); união com Cristo (Rm 6:4-5), despir-se do antigo Adão e vestindo-se com o novo Adão (Rm 6:6; Ef 4:22-24; Cl 3:9-10), transformação à imagem de Deus (2 Co 3:18) apresentando os membros de seu corpo a Deus (Rm 6:13, 19; 12:1), buscando primeiro o reino de Deus (Mt 6:33), e tornando-se participantes da natureza divina (2 Pe 1:4) são somente algumas metáforas que descrevem a vida de santidade. O que é claro é que não é um tema isolado nem um conceito periférico no contexto da Bíblia. Pelo contrário, santidade é central, disseminada e profundamente enraizada como a vontade de Deus para o seu povo.

## (2) O Conteúdo da Santidade

Qual é o significado ou conteúdo da santidade que é claramente esperado por toda a Bíblia? Se a Bíblia é clara sobre o chamado para a santidade, não é menos clara sobre o que essa santidade envolve. A santidade de Deus é a fundação para o chamado bíblico para o povo de Deus ser santo. “Sejam santos, porque eu, o Senhor, sou santo” (Lv 19:2) é tanto um mandamento central para ser santo quando o alinhamento básico da santidade humana com a santidade de Deus. O significado fundamental (embora não exclusivo) da palavra hebraica usada por todo o Antigo Testamento para “santo”, *qadosh*, é “separado”. A santidade de Deus é seu caráter que é único entre todos os deuses e separado de todas as formas mundanas e culturais de valor. A santidade do povo de Deus será observada nas formas pelas quais eles são separados dos valores do mundo e separados ou inteiramente devotos a Deus e aos seus propósitos.

Em particular, a santidade de Deus é vista através dos dois Testamentos por sua oposição ao pecado. O pecado é incompatível com o Deus santo. Alguém pode resumir a Bíblia inteira como a história do plano de Deus para resgatar seu povo do poder do pecado que

os separou dele. A santidade do povo de Deus é, portanto, incompatível com um viver sob o poder do pecado. O apóstolo Paulo deixa esse ponto mais explícito em Romanos 6. “Devemos continuar pecando para que Deus mostre cada vez mais a sua graça? Claro que não! Uma vez que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?” (Rm 6:1b-2). “Da mesma forma, considerem-se mortos para o poder do pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus. Não deixem que o pecado reine sobre o seu corpo, que está sujeito à morte, cedendo aos desejos pecaminosos” (Rm 6:11-12). “Uma vez que a graça nos libertou da lei podemos continuar pecando? Claro que não! . . . Agora, porém, estão livres do poder do pecado e se tornaram escravos de Deus. Fazem aquilo que conduz à santidade” (Rm 6:15, 22).

João é igualmente enfático que pecado é incompatível com a vida cristã. “Se vivemos na luz, como Deus está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado. . . . Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem” (1 Jo 1:7; 2:1). Ainda mais enfáticas são suas palavras no capítulo 3: “Quem permanece nele não continua a pecar. Mas quem continua a pecar não o conhece e nem entende quem ele é. . . . Mas, quando continua a pecar, mostra que pertence ao diabo, pois o diabo peca desde o início. Aquele que é nascido de Deus não vive no pecado, pois a vida de Deus está nele. Logo, não pode continuar a pecar, pois é nascido de Deus” (1 Jo 3:6, 8-9). Assim como a santidade de Deus é incompatível com o pecado, a santidade humana é incompatível com o pecado também.

A santidade de Deus também é caracterizada por amor. O chamado em Deuteronômio para Israel ser santo é fundamentado no amor de Deus. “Vocês são um povo santo que pertence ao Senhor, seu Deus. Dentre todos os povos da terra, o Senhor, o seu Deus, os escolheu para serem sua propriedade especial. O Senhor não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos que outras nações, pois vocês eram a menor de todas as nações! Antes, foi simplesmente porque o Senhor os amou e foi fiel ao juramento que fez aos seus antepassados” (Dt 7:6-8a). A resposta que Israel devia a Deus era amá-lo com todo o seu coração, alma, força e entendimento como o *Shema* ensinou (Dt 6:5). O grande capítulo de santidade que segue o mandamento de ser santo em Lv 19:2 alcança seu primeiro *clímax* no versículo 18 com o mandamento: “ame o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o Senhor. Assim, o Antigo Testamento entrelaça a santidade de Deus com o amor de Deus pelo seu povo. Ele também entende que a santidade humana encontra sua expressão mais significativa em amar a Deus e ao próximo.

A integração de santidade e amor é ainda mais claramente articulada no Novo Testamento. O mandamento de Jesus em Mt 5:48: “sejam perfeitos, como perfeito é seu Pai celestial” é o *clímax* do parágrafo ensinando sobre o amor tanto para o próximo quanto para o inimigo (Mt 5:43). O modelo de amor tanto para o próximo quanto para o inimigo é o amor que Deus derramou indiscriminadamente sobre os bons e sobre os maus, sobre os justos e os injustos (Mt 5:45). Assim, a perfeição de Deus que Jesus exalta é o perfeito amor por todos independente de sua resposta a Deus. A perfeição que Jesus pede de seus seguidores é amor perfeito que ama tanto os inimigos quanto os seus

próximos. O segundo texto de Mateus lidando com perfeição, Mt 19:21, também define a perfeição cristã em termos de amor. Quando o jovem rico declarou que ele havia guardado todos os mandamentos, incluindo o de amar seu próximo como a si mesmo, Jesus lhe convidou a ser perfeito ao vender todas as suas posses, dando o dinheiro aos pobres, e deixando tudo para trás para buscar uma vida de discipulado. Vender todas as posses e dar o dinheiro aos pobres é uma expressão de amor significativa pelo próximo.

1 João 4 também liga diretamente a ideia de perfeição cristã com amor. “Se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor, chega em nós, à expressão plena” (1 João 4:12). “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele. À medida que permanecemos em Deus, nosso amor se torna mais perfeito. Assim, teremos confiança no dia do julgamento, pois vivemos como Jesus viveu neste mundo” (1 João 4:16b-17). Aqui novamente o amor perfeito de Deus é o modelo esperado para o amor entre os seguidores de Cristo. João continua: “Esse amor não tem medo, pois o perfeito amor afasta todo medo. Se temos medo, é porque tememos o castigo, e isso mostra que ainda não experimentamos plenamente o amor. Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 João 4:18-19). O amor perfeito não é entendido somente como uma possibilidade para cristãos, mas João espera que tal amor seja um resultado natural da permanência em Deus.

O conteúdo ou a substância da santidade também pode ser descrito em termos do trabalho do Espírito Santo na vida da pessoa ou da comunidade. Embora as Pessoas da Trindade tragam santificação na vida dos crentes, a santificação ou tornar-se santo é o trabalho especialmente do Espírito santificador (2 Ts 2:13 e 1 Pe 1:2). O livro de Atos dá uma ênfase especial ao papel do Espírito Santo como o meio pelo qual os propósitos de Deus são realizados nas e através das vidas dos crentes. A frase mais comum em Atos para a experiência do Espírito é ser “cheio do Espírito Santo”. Por dez vezes Atos descreve a pessoa ou pessoas tanto como preenchidas pelo Espírito Santo quanto como cheias do Espírito Santo. Cinco vezes ele descreve pessoas como tendo recebido o Espírito Santo. Três vezes é dado o Espírito ou um dom e duas vezes Atos fala do Espírito Santo vindo sobre pessoas. A terminologia de ser “batizado com o Espírito Santo” também aparece duas vezes em Atos (referindo-se duas vezes ao Pentecostes e duas vezes no futuro). Uma vez Atos fala de uma pessoa sendo ungida com o Espírito Santo e uma vez fala da promessa do Espírito. O efeito mais comum de ser cheio do Espírito Santo é a capacidade dada para testemunhar o evangelho e fielmente viver a vida de discipulado.

A vida no Espírito também é comumente usada por Paulo para descrever a vida santa. Romanos 8:4 indica que aqueles que “andam de acordo com o Espírito” são capacitados e preencherem os requisitos certos da Lei. É a mentalidade colocada no Espírito, ao invés da carne que possibilita a pessoa a agradar a Deus de acordo com Rm 8:5-8. É a mentalidade do Espírito – o *phronema tou pneumatos* que substitui a mentalidade da carne – o *phronema tes sarkos* e capacita a pessoa a viver em obediência a Deus. É “pelo Espírito” que os crentes são capacitados a “mortificar as obras do corpo” (Rm 8:13) e assim aproveitar a vida no Espírito. É o Espírito que testifica com nossos espíritos que

somos filhos de Deus. Paulo nos chama a “viver pelo Espírito”, sermos “guiados pelo Espírito”, produzirmos o “fruto do Espírito” e “andarmos pelo Espírito” (Gl 5:16, 18, 22 e 25). 1 João 4:13 nos diz que “por [Deus] ter nos dado o seu Espírito”, sabemos que “permanecemos nele, e ele em nós”.

O conteúdo ou a substância da santidade pode ser descrito em muitas outras formas na Bíblia. Semelhança de Cristo, pureza de coração, circuncisão de coração, união com Cristo, justiça em relacionamentos sociais e participação na natureza divina, todos esses termos, contribuem para o nosso entendimento do que é ser santo. Entretanto, as conexões mais claras entre a santidade de Deus e a santidade que Deus espera de seu povo estão na arena da incompatibilidade da santidade com o pecado e da conexão inseparável entre santidade e amor.

### (3) A Estrutura da Santidade

O chamado à santidade é claro nas Escrituras. O conteúdo da santidade é ensinado de forma clara e simples na Bíblia. Como a pessoa torna-se santa ou sua estrutura é tema mais complexo. A santificação, o processo de tornar-se santo, tem muitas camadas e é dinâmico na Bíblia. Ele resiste a sistematização, talvez porque tanto a riqueza da graça de Deus quanto a diversidade das experiências, expressões e entendimentos humanos. É claro que a santidade não está limitada a um único momento ou estágio da vida cristã de alguém. É a dinâmica da vida cristã que começa até mesmo antes da conversão e continua por toda a vida de obediência.

Podemos normalmente dizer que a santificação começa na conversão no Novo Testamento. Esta verdade é expressada em várias formas. Paulo regularmente descreve as congregações como consistindo de pessoas santas, mesmo que as cartas que ele escreveu tenham sido designadas para exortá-los a uma realidade mais profunda de santidade em suas vidas. Rm 1:7; 1 Co 1:2; 2 Co 1:1; Ef 1:1; Fl 1:1; e Cl 1:2 todos usam os termos “santos” ou “santificados” (*hagioi*) para descrever crentes que são recipientes dessas cartas. Ele claramente entende que todo cristão deve ser santo. Isso é consistente com Atos 19:2 onde Paulo registra seu pedido aos discípulos em Éfeso: “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” Embora seja possível traduzir tecnicamente como “Vocês receberam o Espírito depois que vocês creram”, o padrão claro de Atos indica que a expectativa era que as pessoas recebam o dom do Espírito Santo no momento da conversão e continuavam na vida do Espírito a partir dali. O convite de Pedro àqueles convencidos pelo seu sermão no Dia de Pentecostes foi “arrependei-vos e sejam batizados . . . e recebam o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38).

Se alguém fosse ler o Novo Testamento sem a consciência de toda a extensão das implicações escatológicas de Jesus como o Messias, seria possível supor que a santidade atribuída aos crentes no momento de sua conversão fosse uma santidade posicional ao invés de moral. Tal conclusão é impossível à luz das suposições escatológicas que moldam os ensinamentos de Jesus e os escritos de Paulo, Pedro e João. A maioria das

cartas do Novo Testamento colocam ênfase significativa nos leitores serem santos. A linguagem de Paulo, Pedro e João não chama seus leitores para descobrirem e entrarem na vida santa como se eles não soubessem nada de santidade. Ao invés disso, os apóstolos chamam seus leitores para se apropriarem e viverem as implicações da santidade que eles receberam quando primeiramente colocaram sua fé em Cristo. A pergunta de Paulo aos Gálatas: “Tendo começado no Espírito, por que agora procuram tornar-se perfeitos por seus próprios esforços?” claramente pressupõe uma santificação inicial que agora deve ser seguida de maneiras consistentes com a transformação que Deus já havia realizado neles (Gl 3:3).

O que podemos chamar de natureza de múltiplas camadas da santificação no Novo Testamento é clara quando uma pessoa percebe que os crentes são santificados no momento de sua conversão, mas que são consistentemente chamados para serem santos e viverem as implicações de sua santificação inicial. Todos os mandamentos (e reprimendas) das cartas do Novo Testamento exortando os leitores à santidade foram escritas para crentes que já eram inicialmente santos. Claramente a santificação era para continuar subsequente à regeneração nas vidas dos primeiros leitores do Novo Testamento.

Muitos textos indicam que essa santificação subsequente é entendida como um processo contínuo e constante da conversão de alguém. Romanos 6:11 chama os crentes para considerarem a si mesmos como mortos para o pecado e vivos para Deus. O mandamento está no presente, tempo contínuo, sugerindo que a vida de alguém que está morto para o pecado e vivo para Deus é uma parte contínua e regular da vida cristã. Rm 8:13 nota: “Se viverem de acordo com as exigências [da carne] morrerão. Se, contudo, pelo poder do Espírito, fizerem morrer as obras do corpo, viverão”. Fazer morrer as obras do corpo é um verbo presente de ação contínua. O versículo 14 também trata da vida de santidade como uma questão contínua e constante: “Porque todos que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”, a palavra “guiados” é novamente o tempo presente indicando uma ação contínua e constante. A chamada de Romanos 12:2 que diz “não imitem o comportamento e os costumes desse mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma mudança em seu modo de pensar”, demonstra que a transformação é contínua e constante. A mesma verdade de transformação é dita em 2 Co 3:18, “todos nós, dos quais o véu foi removido, podemos ver e refletir a glória do Senhor, e o Senhor, que é o Espírito, nos transforma gradativamente à sua imagem gloriosa”. 2 Cor 7:1 nos chama à “perfeita santidade porque tememos a Deus”. O verbo que precede a perfeita santidade é mais uma vez o tempo presente contínuo. Claramente, um número de textos chama os crentes para uma vida de contínua santificação depois da santificação inicial que foi parte de sua conversão.

Há também textos que indicam que há uma dimensão da santificação que pode ser completada subsequente a regeneração. Colossenses 3:5 manda os leitores de Colossos “mortificarem” tudo que estiver sobre a terra e lhes dá uma lista curta de pecados que levam a receber essa sentença de morte em suas vidas. A lógica da expressão “mortificar”

implica um ato completo como oposto a uma ação que seja contínua e constante. O tempo verbal é aorista. O tempo aorista não pode ser usado para argumentar pela instantaneidade, mas alguém pode argumentar que é usado quando o autor percebe um evento como completo ao invés de contínuo. Romanos 6:13 chama os crentes: “Não deixem que nenhuma parte de seu corpo se torne instrumento do mal para servir ao pecado, mas em vez disso, entreguem-se inteiramente a Deus, pois vocês estavam mortos e agora têm nova vida”. O comando “não deixem” nada para o pecado é um comando para parar de oferecer-se ao pecado. O comando positivo (aparecendo somente uma vez no texto grego) para entregarem-se a Deus sugere uma oferta completa de alguém a Deus. A oração de Paulo em 1 Ts 5:23 que o Deus de paz santifique seus leitores também sugere algo completo. O trabalho santificador é para ser *holoteleis* que já foi usado em diversas traduções em inglês que seriam: profundamente (NIV), completa (New KJV e ESV), de toda maneira (New Living), completamente (KJV), inteiramente (NASB95 e NRSV) e perfeitamente (NAB). Isso não sugere uma santificação contínua, mas uma santificação completa e inteira.

Não somente alguns textos descrevem a santificação em termos contínuos e constantes e outros descrevem como uma ação completa, mas essas duas percepções de santificação aparecem juntas em muitos textos. Romanos 6:11 aponta para uma ação contínua de santificação, enquanto Romanos 6:13 a percebe como uma ação completa. Romanos 12:1 pede para que os crentes apresentem seus corpos como sacrifícios vivos que pode ser entendido como uma ação completa. Por outro lado, Romanos 12:2 requer uma vida de transformação constante pela atividade renovadora do Espírito em suas mentes. Em um nível, pode ser possível entender essa conjunção de santificação tanto como uma ação contínua como completa como evidência de que a santificação começa como santificação inicial, continua como santificação gradual, chega a completude em inteira santificação e ainda continua adiante como santificação gradual. Entretanto, essa mistura de santificação contínua e completa também reflete nas suposições escatológicas do Novo Testamento. Embora alguns tenham tentado ver a escatologia do Novo Testamento como primariamente futurística e outros como primariamente concretizada, o entendimento mais aceito é de uma escatologia inaugurada que afirma tanto que o reino já chegou quanto que ele ainda não foi consumado.

Há textos onde a percepção de santificação como completa reflete uma escatologia concretizada mais forte onde o reino de Deus entrou tão profundamente neste mundo que nós não pecamos mais. Esse é claramente o caso em 1 João 3:6: “Quem permanece nele (Cristo) não continua a pecar”. Entretanto, outros textos percebem a santificação através das lentes do reino ainda-a-ser-consumado e olham adiante para o contínuo e mais profundo trabalho do Espírito em nossas vidas. Uma pessoa pode ver isso na palavra de Romanos 12:2, “Não imitem o comportamento e os costumes desse mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma mudança em seu modo de pensar”. A palavra “mundo” nesse texto é literalmente “era” (*aion*) e refere-se a esta era presente e má onde a transformação contínua e constante de nossas mentes é pedida. 1 João 3:2-3 também aponta para a futura santificação que ainda acontecerá: “Amados, já somos filhos de

Deus, mas ele ainda não nos mostrou o que seremos quando Cristo vier. Sabemos, porém, que seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele realmente é. E todos os que têm essa esperança se manterão puros, como ele é puro”. A santificação começa na conversão e continua por toda a vida cristã; ela é completa com a libertação de uma mentalidade da carne; emite uma vida de crescimento em santidade; e olha para frente na esperança de uma perfeição plena na nova criação.

O chamado para uma santificação contínua e o chamado para um trabalho completo de santificação na Bíblia, ambos subsequentes à regeneração, são consistentes com o entendimento wesleyano de santidade de santificação como inicial, gradual e inteira. Há um entendimento do trabalho de santificação nas Escrituras que é dinâmico e de múltiplas camadas que resiste a categorização e a sistematização simples. A santificação ‘já’ ocorrida nos garante a completude do trabalho de Deus por nós. A santificação ‘ainda não’ ocorrida sempre nos convida a um relacionamento mais profundo com Cristo através do Espírito Santo. Claramente, a visão bíblica de santificação resiste a um entendimento estático de que existe algum estado de santidade no qual nenhum outro crescimento é esperado. O convite do autor de Hebreus: “Prossigamos até a perfeição” (Hb 6:1) é um convite para todo crente em qualquer estágio na jornada de santidade.

#### **IV. Unidade e Variedade na Tradição Cristã**

Passamos agora para o contexto da doutrina wesleyana de santidade cristã dentro do espectro das tradições e visões históricas na Igreja Cristã, e aqui é útil ver a variedade de tradições contemporâneas como base na unidade fundamental da tradição cristã como um todo.

O século XX viu um desenvolvimento reavivado de uma esperança ecumênica por toda a Igreja Cristã. Enquanto aquilo, por vezes, parecia uma forma de comprometimento de valores para ter unidade, uma das raízes históricas do movimento ecumênico foi o Movimento Estudantil Missionário que era evangélico em sua origem e dedicado à ‘evangelização do mundo nesta geração’. Numa geração mais antiga, a preocupação em unir e trabalhar juntos com todos os cristãos verdadeiros caracterizou Wesley e Whitefield no século XVIII (apesar de suas diferenças teológicas) e o movimento de santidade do século XIX. Hoje, gostemos ou não, os cristãos não estão tão preocupados com os “distintivos” denominacionais” na busca de uma igreja que pregue um verdadeiro evangelho e ganhe pessoas para Cristo. Por todo o mundo, muitos cristãos focam mais no que os une do que no que os divide.

Dado o contexto no qual operamos hoje, é vital que aqueles que possuem a tradição wesleyana de santidade entendam que sua compreensão da santidade cristã não é meramente um caminho sectário de justificar denominações distintas, mas é a herança de toda a Igreja Cristã. Corretamente entendida, a doutrina wesleyana de santidade cristã não é meramente um distintivo denominacional: é o entendimento bíblico de santidade que

cremos que todo cristão deve abraçar. “Perfeição em amor” não é propriedade da Igreja do Nazareno ou das denominações de santidade juntas: é a herança de uma Igreja santa, católica e apostólica. Somente esta perspectiva pode estar de acordo com a ênfase de Wesley no “espírito católico”.

É importante ver que a doutrina wesleyana de santidade cristã não foi inventada na Inglaterra do século XVIII. Wesley estava recontextualizando a doutrina de “perfeição” cristã que havia sido parte da teologia dos Pais na antiga igreja católica e dos grandes teólogos medievais e pais espirituais. Mas a genialidade de Wesley esteve em combinar esta doutrina de “perfeição” cristã com a redescoberta do evangelho na época da Reforma. O significado ecumênico da teologia wesleyana é, portanto, unir a doutrina evangélica de justificação pela graça através da fé e o entendimento católico e ortodoxo de santificação.

A terminologia de “perfeição” cristã, tão frequentemente mau-compreendida na era moderna como “perfeccionismo”, era, de fato, uma linguagem comum da Igreja por quinze séculos. Entre os Pais da Igreja, Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio e Gregório de Nissa são alguns que escrevem especialmente sobre os estágios da jornada espiritual. Em cada caso, o maior estágio era o de ser cheio do amor de Deus. Agostinho, apegando-se fortemente à doutrina do pecado original, negou que a perfeição em amor poderia ser alcançada nessa vida. Mas ele nos deu uma análise profunda de que a ‘raiz’ do pecado (claramente uma metáfora) era o amor direcionado erroneamente para a criatura ao invés do Criador, então a ‘perfeição’ cristã era para ser crescentemente preenchida com o amor de Deus. Na espiritualidade medieval, esse entendimento de amor perfeito por Deus como o nível mais alto de santidade cristã era refletido no conceito de “escala” (ou “escada”) de perfeição. Tanto Bernardo de Clairvaux quanto Tomás de Aquino combinaram a doutrina agostiniana de pecado original com o ensinamento de perfeição em amor. Cada um deles ensinou que embora havia níveis de amor perfeito somente possíveis na vida porvir, contudo, um nível de amor perfeito era possível nessa vida.

A redescoberta da Reforma da “justificação pela fé” levou à uma reação contra falsas afirmações de santidade na corrupta Igreja do século XVI e à uma desconfiança forte quanto a qualquer ideia de “perfeição” cristã. O significado ecumênico único de Wesley é que ele é um líder de uma grande tradição protestante que, como Bernardo e Tomás, combina a doutrina ocidental, agostiniana de pecado original com uma forte crença na possibilidade de “amor perfeito” nesta vida. Mas, além disso, ele combina uma forte doutrina da Reforma de justificação pela fé com a doutrina do “perfeito amor”.

Logo, a tradição wesleyana não deve ser descartada como sectária ou periférica. Vindo diretamente da tradição anglicana, é bem colocada para dialogar com tradições luteranas, reformadas, pentecostais e anabatistas, como também com tradições mais distantes da ortodoxia oriental e do catolicismo. As denominações que emergiram do movimento de santidade do século XIX têm uma herança particular evangélica e reavivalista para trazer



a teologia, espiritualidade e missão da Igreja Cristã no século XXI. Temos em comum com todos os protestantes evangélicos a verdade da obra expiatória de Jesus Cristo, da autoridade da Santa Bíblia nas questões de fé e prática e da justificação pela graça através da fé. Em comum com os pentecostais e carismáticos, enfatizamos o trabalho e a Pessoa do Espírito Santo, e em comum com as tradições católica e ortodoxa mais amplas, proclamamos o ‘otimismo da graça’ sobre a vida de santidade cristã nesse mundo mau. É nesse contexto de maiores tradições cristãs que a nossa doutrina de santidade cristã deve ser vista, não como sectária e ‘distintiva’, mas como uma herança que somos depositários pela única Igreja santa, católica e apostólica.

## V. Diferenças em Expressão

A seguir, chegamos a notar as diferentes formas de articular a doutrina wesleyana de santidade cristã ao apresentar o texto de artigos relevantes de denominações cristãs.\*

*\* [Nota da tradução: os textos a seguir são uma tradução livre dos originais. Não foram buscados possíveis traduções oficiais para português das denominações específicas, mas o conteúdo é fiel aos textos em inglês.]*

1. O documento oficial da Igreja Wesleyana: “The Constitution Of The North American General Conference” [A Constituição da Conferência Geral Norte-Americana] articula a doutrina da seguinte maneira:

### “14. Santificação: Inicial, Progressiva, Inteira

Creemos que a santificação é o trabalho do Espírito Santo pelo qual o filho de Deus é separado do pecado para Deus e é capacitado a amar a Deus com todo o seu coração e caminhar em todos os Seus santos mandamentos sem culpa. A santificação é iniciada no momento da justificação e regeneração. A partir deste momento, há uma santificação gradual e progressiva a medida em que o crente caminha com Deus e diariamente cresce em graça e em uma obediência mais perfeita a Deus. Isso prepara para a crise de inteira santificação que é forjada instantaneamente quando o cristão apresenta-se como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, através da fé em Jesus Cristo, sendo efetuado pelo batismo com o Espírito santo que purifica o coração de todo pecado inato. A crise da inteira santificação aperfeiçoa o crente em amor e o capacita ao serviço eficaz. É seguida de uma vida inteira de crescimento em graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A vida de santidade continua através da fé no sangue santificador de Cristo e evidencia-se em obediência amorosa da vontade revelada de Deus.

Gn 17:1; Dt 30:6; Sl 130:8; Is 6:1-6; Ez 36:25-29; Mt 5:8, 48; Lc 1:74-75; 3:16-17; 24:49; Jo 17:1-26; At 1:4-5, 8; 2:1-4; 15:8-9; 26:18; Rm 8:3-4; I Co 1:2; 6:11; II Co 7:1; Ef 4:13, 24; 5:25-27; I Ts 3:10, 12-13; 4:3, 7-8; 5:23-24; II Ts 2:13; Tt 2:11-14; Hb 10:14; 12:14; 13:12; Tg 3:17-18; 4:8; I Pe 1:2; II Pe 1:4; I Jo 1:7, 9; 3:8-9; 4:17-18; Jd 24.”

2. “The Confession of Faith of the Evangelical United Brethren Church” [A Confissão de Fé da Igreja Evangélica Unida dos Irmãos] que foi adotada em 1968 pela formação da Igreja Metodista Unida, articula a doutrina como a seguir:

“Artigo XI—Santificação e Perfeição Cristã

Creemos que a santificação é o trabalho da graça de Deus através da Palavra e do Espírito, pela qual aqueles que têm nascido de novo são limpos do pecado em seus pensamentos, palavras e ações e são capacitados a viver de acordo com a vontade de Deus, a buscar santidade sem a qual ninguém verá ao Senhor.

A inteira santificação é um estado de amor perfeito, retidão e verdadeira santidade na qual todo cristão regenerado pode obter sendo liberto do poder do pecado, amando a Deus com todo o coração, alma, força e entendimento, e amando ao seu próximo como a si mesmo. Através da fé em Jesus Cristo, esse dom gracioso pode ser recebido nesta vida tanto gradualmente quanto instantaneamente, e deve ser diligentemente buscado por todo filho de Deus.

Creemos que essa experiência não nos livra das enfermidades, ignorância e erros do homem comum, nem das possibilidades de pecar mais. O cristão deve continuar de guarda contra o orgulho espiritual e a busca de obter vitória sobre toda tentação para pecar. Ele deve responder completamente à vontade de Deus para que o pecado perca o seu poder sobre ele; e o mundo, a carne e o mau são colocados sob seus pés. Assim, ele estará acima desses inimigos com vigilância através do poder do Espírito Santo”.

3. Este é dos Artigos de Fé Metodista (o mais próximo da inteira santificação presente):

“Artigo 12 — Do Pecado Após a Justificação

Nem todo pecado cometido por livre e espontânea vontade depois da justificação é pecado contra o Espírito Santo, e é imperdoável. Pelo que, o dom do arrependimento não deve ser negado a tal devido ao pecado depois da justificação. Depois de termos recebido o Espírito Santo, podemos nos afastar da graça dada, e, pela graça de Deus, levantar novamente e consertar nossas vidas. Portanto, devem ser condenados os que dizem que não podem mais pecar enquanto viverem aqui; ou negar o lugar de perdão para os que verdadeiramente se arrependem”.

4. Aqui estão os artigos de fé da Igreja Metodista Livre do Canadá:

## “XII. Inteira Santificação

A inteira santificação é o trabalho do Espírito Santo, subsequente à regeneração, pelo qual o crente totalmente consagrado, através do exercício da fé no sangue expiatório de Cristo, é purificado no momento de todo pecado interior e capacitado a servir. O resultante relacionamento é atestado pelo testemunho do Espírito Santo e é mantido pela fé e obediência. A inteira santificação capacita o crente a amar a Deus com todo o seu coração, alma, força e entendimento, e a seu próximo como a si mesmo, e o prepara para um crescimento maior em graça. (Levítico 20:7-8; João 14:16-17; 17:19; Atos 1:8; 2:4; 15:8-9; Romanos 5:3-5; 8:12-17; 12:1-2; 1 Cor 6:11; 12:4-11; Gálatas 5:22-25; Efésios 4:22-24; 1 Ts 4:7; 5:23-24; 2 Ts 2:13; Hb 10:14)”

5. A Declaração de Fé do *Asbury Theological Seminary* tem o seguinte texto sobre Inteira Santificação:

“Inteira Santificação: Que Deus chama todos os crentes para a inteira santificação num momento de total entrega e fé subsequente ao seu novo nascimento em Cristo. Através da graça santificadora, o Espírito Santo os livra de toda rebelião contra Deus e possibilita um amor por Deus e pelos outros de coração inteiro. Essa graça não torna os crentes infalíveis nem impedem a possibilidade de caírem em pecado. Eles devem viver diariamente pela fé no perdão e na purificação oferecida a eles em Jesus Cristo;”

6. Este foi retirado do *The Book of Discipline* [O Livro da Disciplina] da Igreja Metodista Livre, págs. 46-47:

“Santificação e Perfeição: Ficamos deslumbrados com a aceitação e o perdão de Deus que não termina com sua obra salvífica, mas continua a nutrir o nosso crescimento em graça. Através do poder do Espírito Santo, somos capacitados a crescer no conhecimento e amor de Deus e em amor pelo nosso próximo.

O novo nascimento é o primeiro passo nesse processo de santificação. A graça santificadora nos aproxima do dom da perfeição cristã, que Wesley descreveu como um coração ‘habitualmente preenchido com o amor de Deus e do próximo’ e ‘tendo a mente de Cristo, andando como ele andou’.

Esse gracioso dom do poder e amor de Deus, a esperança e a expectativa do fiel, não é garantido por nossos esforços nem limitado por nossas fragilidades”.

7. O material *Discipline of the Evangelical Methodist Church* [Disciplina da Igreja Evangélica Metodista] (pág. 44) afirma a doutrina assim:

“XXVI – Amor Perfeito\*

¶46. Amor Perfeito é a renovação de nossa natureza caída através do Espírito Santo, recebido pela fé em Jesus Cristo, cujo sangue da expiação purifica de todo

pecado; pelo qual não somente somos libertos da culpa do pecado, mas somos lavados de sua poluição, salvos de seu poder e capacitados, através da graça, a amar a Deus com todos os nossos corações e a caminhar em Seus santos mandamentos de forma irrepreensível.

\*Explicação: a perfeição cristã é um estado de retidão e santidade verdadeira, que todo crente regenerado pode obter. Ela consiste em ser purificado de todo pecado, amando a Deus com todo o coração, alma, força e entendimento e amar o próximo como a nós mesmos. Este estado gracioso de amor perfeito é obtido nesta vida pela fé, tanto gradualmente quanto instantaneamente, e todo filho de Deus deveria buscar diligentemente crescer em graça. Ela não nos livra de tentações, enfermidades, ignorância e erros que são comuns aos homens. Aceitamos a nossa interpretação doutrinária: *Os Sermões de Wesley, Anotações de Wesley sobre o Novo Testamento, Diário de Wesley e Explicação Clara de Perfeição Cristã de Wesley*".

## **VI. Fazendo um Rascunho de um Novo Artigo X**

À luz dessas discussões e desta revisão de artigos comparável de fé de instituições e denominações irmãs, a afirmação de um Artigo novo, positivo e alegre precisa emergir. Neste trabalho de conclusão, então, tentaremos fazer o rascunho de um novo artigo, sugerindo uma forma de palavras que leva em consideração sete pontos críticos de nosso atual Artigo X na Seção I deste trabalho. Ele tenta expressar a doutrina de forma contemporânea, mostrando mais completamente como ela é coerente com as maiores doutrinas da fé cristã:

### *Artigo X: Santidade Cristã e Inteira Santificação*

*Creemos que a santificação do crente é a transformação à semelhança de Cristo que começa com a regeneração. Sendo incorporada no corpo de Cristo, crendo em Sua expiação e tornando-se filho de Deus, o Pai e na comunhão do Espírito, novos crentes tomam a cruz e aprendem a morrer diariamente com Cristo, vivendo em fiel obediência aos grandes mandamentos no poder do Espírito.*

*Ao participar dos meios da graça, especialmente na comunhão, nas disciplinas e nos sacramentos da Igreja, o crente cresce em graça e no amor a Deus e ao próximo, mas através disso, também torna-se cada vez mais consciente de uma profunda necessidade de purificação interior da persistente e multifacetada pecaminosidade do orgulho, da autcentralização e da idolatria.*

*Creemos que com tal crescimento na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o Espírito Santo leva o crente ao ponto da inteira santificação, quando, através da fé em Cristo que morreu para a nossa total salvação, o Espírito Santo enche o crente com um amor inteiro por Deus e pelo próximo, purificando assim o coração. Cheio com o Espírito do Senhor*

*Ressurreto, que batizou a Igreja apostólica com o Espírito Santo no dia de Pentecoste em cumprimento das promessas da nova aliança, os crentes são capacitados, até em suas fraquezas, para testemunhar a Ele em uma vida de vitória. Enquanto aguardam a redenção do corpo, crentes ainda confessam suas limitações, transgressões e falhas, mas buscam um caráter mais maduro e santo à imagem de Deus.*

### Um Comentário sobre esse Rascunho

- Creemos* Todo Artigo de Fé começa com essas palavras.
- Que a santificação* O assunto do novo Artigo de Fé como um todo é a santificação como um todo. A inteira santificação é melhor explicada dentro desse contexto.
- Do crente* Hoje queremos falar muito sobre santificação corporativa e esse novo rascunho tentará colocar a santificação no contexto da eclesiologia. Entretanto, embora devamos tentar nos afastar do *individualismo*, não estamos livres para rejeitar a ênfase evangélica e pietista da salvação e santificação *pessoal* (“para mim”) enraizada em Paulo (Gálatas 2:20), e afirmada por figuras significativas na História Cristã, incluindo Charles e João Wesley (“que o meu Senhor morreria *por mim*”). (itálico adicionado aqui para enfatizar.) A terminologia do “crente” que aparece no atual Artigo de Fé X é mantida.
- É a transformação* Essa é uma palavra usada por teólogos wesleyanos dos dias de hoje para contrapor a ideia de que salvação somente significa perdão (justificação), e menos uma mudança “real” (santificação). Mas a palavra também é bíblica (*metamorphousthe*, Romanos 12:2).
- À semelhança de Cristo* Semelhança de Cristo, o alvo do cristão (1 João 3:2), é uma das maiores formas de Wesley explicar a Perfeição Cristã (Wesley, John. *A Plain Account of Christian Perfection*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1966, 27: “Em outra perspectiva, é toda a mente que está em Cristo, nos capacitando a andar como Cristo andou”).
- Que começa com a regeneração* Obviamente isso afirma o que os teólogos wesleyanos chamam de “santificação inicial”. As bases exegéticas para isso poderiam ser multiplicadas. “Com” ao invés de “na”, já que a declaração não é sobre “quando”, mas uma declaração de que uma dimensão da regeneração é a santificação inicial.
- Sendo incorporado no Corpo de Cristo* Aqui o contexto corporativo ou eclesiástico que faltava no texto atual é afirmado.
- Confiando em Sua expiação* Este liga a santificação como um todo à doutrina da Expição e afirma que mesmo a santificação inicial não é nossa conquista, mas é através da fé no trabalho de Cristo. Essa terminologia é, provavelmente, mais bem-vinda hoje do que a

- frase do atual Artigo de Fé: “provida pelo sangue de Jesus.”
- E tornando-se filhos de Deus Pai* Refletindo tanto a doutrina joanina quanto paulina (João 1:13; Romanos 8:15 e seguintes; Gálatas 4:6) que somos trazidos para a família de Deus.
- Na comunhão do Espírito* A palavra “comunhão” é deliberadamente introduzida aqui para ecoar tanto 1 Coríntios 13:14 quanto 1 João 1:3. As duas referências, juntamente com as referências nas cláusulas anteriores para o Filho e para o Pai, esclarecem que a doutrina de santificação é firmemente enraizada na doutrina relacional da Santa Trindade.
- Novos crentes tomam a cruz* Essa frase reflete a visão de Marcos da vida de santidade como uma vida de discipulado (Marcos 8:34).
- E aprendem a morrer diariamente com Cristo* Essa frase é uma fraseologia paulina (1 Coríntios 15:31) ecoando Marcos 8:34. Ela também reflete a longa tradição na teologia cristã de entendimento de santificação e da jornada espiritual do cristão tanto *mortificatio* quanto *vivificatio*, morrendo com Cristo para o pecado para que possamos ser levantados por Ele na retidão (Romanos 6:5-11).
- Vivendo em fiel obediência aos grandes mandamentos* Essa ênfase na doutrina de João Wesley que a obediência externa e a vitória sobre o pecado começa na regeneração, não na inteira santificação (como um tipo que a doutrina Keswickiana pode sugerir). João Wesley usou a frase “obediência zelosa” na sua descrição de como o cristão deve seguir em busca da inteira santificação (Wesley, John. *A Plain Account of Christian Perfection*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1966, 19, fazendo referência a “Pensamentos sobre Perfeição Cristã”, 1759), entretanto, preferimos “fiel” e escolhemos destacar especificamente os grandes mandamentos.
- No poder do Espírito* Mais uma vez a ligação pneumatológica é feita agora especificamente usando a linguagem de Lucas de *dynamis* (“poder”).
- Participando nos meios da graça, especificamente na comunhão, nas disciplinas e nos sacramentos da Igreja* Essa frase é, obviamente, uma tentativa de incorporar a dimensão corporativa, eclesial e colocar o crescimento pessoal na graça dentro desse contexto, particularmente a ênfase de Wesley nos meios da graça.
- O crente cresce em graça* Usando linguagem bíblica (2 Pedro 3:18) para expressar o que João Wesley chamou de “obra gradual de santificação” (Sermão 43, “The Scripture Way of Salvation”, 1765, Outler, Albert C., ed. *The Works of John Wesley, Volume 2: Sermons II 34-70*. Nashville: Abingdon Press, 1985, 160f.) foi preferida ao invés da linguagem impessoal e antibíblica de “processo”.
- E no amor a Deus e ao próximo* Esse é o primeiro uso da palavra “amor”, mas já que é “crescimento” em amor, então, o amor tem estado ali

claramente desde o início.

*Mas* Essa frase indica a tensão no crente entre o “já” e o “ainda não”.

*Através disso, também torna-se cada vez mais consciente* Isso aproxima da doutrina de João Wesley do “Arrependimento dos Crentes” como expressado na passagem do Sermão 21: “O Sermão da Montanha - Discurso 1,” 1739?, (Outler, Albert C., ed. *The Works of John Wesley, Volume 1: Sermons I 1-33*. Nashville: Abingdon Press, 1984, 482f.): “A convicção que sentimos do pecado nato é cada dia mais profunda. Quanto mais crescemos em graça, mais vemos a desesperada maldade de nosso coração. Quanto mais avançamos no conhecimento e amor de Deus, através de nosso Senhor Jesus Cristo...mais discernimos a nossa alienação de Deus, do inimigo que é a nossa mente carnal e da necessidade do nosso ser totalmente renovado e em justiça e verdadeira santidade.”

*De uma profunda necessidade de purificação interior* Apesar da crítica contemporânea da ideia de “espaço interno” e do “ser cartesiano”, temos que afirmar o conceito bíblico dos pensamentos interiores do “coração” ou da “mente” como parte do conceito de “pureza de coração”.

*Da persistente e multifacetada pecaminosidade* A frase é escolhida para expressar a ideia de uma *condição* que continua no cristão mesmo depois da regeneração—uma visão que é comum em todas as tradições cristãs, embora enfatizadas mais pelos agostinianos ocidentais.

*Do orgulho, da autocentralização e da idolatria* Ao invés de usar a frase agostiniana “pecado original” é preferível usar duas palavras bíblicas (orgulho, idolatria) e uma com uma forte base na Bíblia e na literatura cristã de espiritualidade por todas as tradições cristãs. O aspecto particular do pecado original que está em mente é, portanto, especificado, e outros aspectos (hereditariedade, culpa original, queda, etc.) são deixadas de lado aqui. Isso afina a definição da doutrina e tira a ideia que cremos que inteira santificação elimina o pecado original em todos os seus aspectos (e, portanto, na perfeição adâmica ou sem pecado).

*Cremos* A frase é repetida aqui, já que o próximo parágrafo é sobre *inteira* santificação.

*Que com tal crescimento na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo* A palavra *tal* refere-se ao parágrafo anterior, esclarecendo que ele se refere ao que João Wesley chamou de santificação “gradual”, mas a frase bíblica, “crescimento na graça” é a preferida e a frase inteira de 2 Pedro 3:18 é incluída.

*O Espírito Santo leva o crente ao ponto* A fraseologia é cuidadosamente escolhida para destacar a nossa interligação entre santificação gradual e inteira: a palavra *ao ponto* é para salvaguardar o entendimento

wesleyano de inteira santificação como instantânea, mas evita a linguagem psicológica (“crise”) que parece implicar para muitos que é *necessariamente* um momento de grande drama e emoção espiritual. O Espírito Santo é identificado como agente de santificação.

*Da inteira santificação* A frase de João Wesley, tirada de 1 Tessalonissenses 5:23, é crucial para esse Artigo de Fé.

*Quando através da fé* O papel da fé na santificação deve ser destacado para tirar a ideia que isso é uma conquista humana.

*Em Cristo* Para esclarecer a natureza cristocêntrica da inteira santificação.

*Que morreu para a nossa total salvação* Esse é o tipo de comentário da frase mais antiga: “confiando em Sua expiação”, esclarecendo que confiar que somos salvos e santificados pelo Seu trabalho expiatório é, na verdade, uma confiança *pessoal* nEle: ele também enfatiza que não somente os atos de pecado, mas a *total* salvação/santificação torna-se possível através da expiação. Isto foi escrito deliberadamente, para ser persuasivo. Cristãos de qualquer tradição acharão difícil negar sem sombra de dúvida a profundidade e o poder da Expiação.

*O Espírito Santo enche o crente* Na construção da frase completa, os aspectos cristológicos e pneumatológicos são trazidos para uma ligação mais próxima. Há, obviamente, uma referência aqui a linguagem de Lucas de ser “cheio com o Espírito”.

*Com um amor inteiro por Deus e pelo próximo* A linguagem de Lucas de ser “cheio com o Espírito” junta-se com a linguagem dos dois maiores mandamentos (Deuteronômio e Sinóticos), que João Wesley colocou no coração da doutrina de Perfeição Cristã. A expressão “amor inteiro” é selecionada como uma expressão comum que comunica da melhor forma o conceito de João Wesley de “unidade de intenção”, “unidade de afeição.”

*Purificando o coração* Essa é uma frase claramente bíblica que esteve não somente nos lábios de Jesus em Mateus 5:8, mas também é bem fundamentada no ensino da literatura de Sabedoria sobre pureza de motivação *interior*. A repetição da palavra “purificando” deixa claro que o coração do crente é purificado de sua “pecaminosidade” a qual acabamos de nos referir.

*Cheio com o Espírito do Senhor Ressurreto* A linguagem de Lucas sobre ser “cheio com o Espírito” dá um significado completo que é o mesmo Espírito que levantou Cristo dentre os mortos que agora nos preenche.

*Que batizou a Igreja apostólica com o Espírito Santo no dia de Pentecoste* Usando a linguagem que refere-se especificamente nos Evangelho e em Atos a esse dia histórico do Pentecoste, essa frase enfatiza que todos os benefícios da Expiação foram disponibilizados quando o



Senhor Ressurreto enviou o Seu Espírito na reunião da Igreja apostólica, e que isso inclui de forma especial ser cheio com o Espírito Santo.

*Em cumprimento das promessas da nova aliança* Essa frase, com sua referência a Jeremias 31 e Ezequiel 36-37, e a interpretação desses textos no Novo Testamento, implica que agora “o Consolador chegou”, o batismo pentecostal da Igreja apostólica com o Espírito Santo significa que os crentes hoje dentro desta Igreja santa, católica e apostólica, pode experimentar todas as Suas bênçãos sob essa nova aliança, especialmente a benção de um coração puro.

*Os crentes são capacitados, até em suas fraquezas, para testemunhar a Ele em uma vida de vitória* A linguagem de Lucas de “poder” (capacitação) foi enfatizada no movimento de santidade do século XIX (juntamente com “vitória”) e carrega grande significado para a Igreja ao redor do mundo hoje. Mas para tirar ideias mundanas e sensacionalistas sobre poder, ele é definido como cristocêntrico e, portanto, paradoxalmente, (como Paulo nos lembra), o poder dos crucificados com Cristo, que são fortes quando são fracos.

*Enquanto aguardamos a redenção do corpo* Isso coloca a doutrina no contexto escatológico do já /ainda não e dá uma perspectiva bíblica como a base do que João Wesley chamou de “imperfeições do perfeito”. Está totalmente de acordo com sua ênfase no Sermão 129, “Tesouros Celestiais e Vasos Humanos,” 1790, (Outler, Albert C., ed. *The Works of John Wesley, Volume 4: Sermons IV 115-151*. Nashville: Abingdon Press, 1987, 165f.), que “falsos julgamentos ... e inferências errôneas...e dessas falhas inúmeras...falhas em julgamento...falhas em prática...palavras erradas ou ação... temperamento difícil... erro em dez mil formas” necessariamente surgem da vida ainda em um corpo caído, especialmente, de um cérebro deformado.” Essa linguagem bíblica para evitar as distinções acadêmicas confusas sobre “natureza carnal” e “natureza humana”.

*Crentes ainda confessam suas limitações, transgressões e falhas* Há uma referência óbvia aqui à Oração do Pai Nosso e ao lugar de confissão contínua na vida do cristão mais santo é afirmada sem cair na armadilha de ser uma “religião de pecado”.

*Mas buscam* Isso reflete a linguagem de Paulo em Filipenses 3:14.

*Um caráter mais maduro e santo* Essa é uma linguagem com uma base forte de Bíblia e espiritualidade da tradição cristã e que está atualmente sendo enfatizada em ética cristã.

*À imagem de Deus.* A linguagem do *imago* foi importante para João Wesley expressar seu alvo: ligar a sua doutrina de perfeição cristã mais uma vez com a doutrina de Deus.

## Leitura Essencial

Uma discussão informada das questões deste estudo demanda familiaridade com (pelo menos) a seguinte bibliografia selecionada, que inclui os trabalhos tanto de significância histórica quanto contemporânea. É claro que é uma seleção bem pequena das fontes necessárias para um entendimento informado.

## Livros

- Bassett, Paul M. and Greathouse, William M., *Exploring Christian Holiness*, Vol. 2 (Beacon Hill, 1985)
- Greathouse, William M., *Wholeness in Christ: Towards a Biblical Theology of Holiness* (Beacon Hill, 1998)
- Grider, J. Kenneth, *Entire Sanctification* (Beacon Hill, 1980)
- Oswalt, John N., *Called to Be Holy: A Biblical Perspective* (Evangel, 1999)
- Quanstrom, Mark, *A Century of Holiness Theology: The Doctrine of Entire Sanctification in the Church of the Nazarene, 1905-2004* (Beacon Hill, 2004).
- Taylor, Richard S., *Exploring Christian Holiness*, Vol. 3 (Beacon Hill, 1985)
- Wesley, John, *A Plain Account of Christian Perfection* (Beacon Hill, 19--)
- Wynkoop, Mildred Bangs, *A Theology of Love* (Beacon Hill, 1972)

## Artigos

- Bassett, Paul M., "A Study in the Theology of the Early Holiness Movement." *A.M.E. Zion Quarterly Review*, Methodist History News Bulletin (April, 1975): 61-84.
- \_\_\_\_\_, "The Fundamentalist Leavening of the Holiness Movement, 1914-1940: the Church of the Nazarene, a case study." *Wesleyan Theological Journal* (Spring, 1978): 65-91.
- \_\_\_\_\_, "The Theological Identity of the North American Holiness Movement." In *Variety of American Evangelicalism*. Knoxville, TN: University of Tennessee Press, 1991: 72-108.
- Dayton, Donald W., "Asa Mahan and the Development of the American Holiness Theology," *WTJ*, 9 (Spring, 1974), 60-67
- \_\_\_\_\_, "The Doctrine of the Baptism of the Holy Spirit: Its Emergence and Significance," *WTJ*, 13 (Spring, 1978), 114-126
- Deasley, A.R.G., "Entire Sanctification and the Baptism with the Holy Spirit: Perspectives on the Biblical View of the Relationship," *WTJ*, 14:1 (Spring, 1979), 27-44
- McGonigle, Herbert, "Pneumatological Nomenclature in Early Methodism," *WTJ*, 8 (Spring, 1973), 61-72
- Truesdale, Al, "Reification of the Experience of Entire Sanctification in the American Holiness Movement," *WTJ*, 31:2 (Fall, 1996), 95-119